

A
FILHA *de*
AUSCHWITZ

Nasci em um mundo que proibiu minha existência.

Caso alguma das autoridades tivesse tido conhecimento de que eu existia, esse simples fato teria sido o suficiente para acabar com minha vida antes mesmo de ela ter começado.

Ainda assim, cheguei aqui. Pequena, quase à míngua, mas determinada a ficar viva, em uma das noites mais frias em um dos lugares mais tenebrosos da história da humanidade. Sem saber, nem entender, que minha luta estava apenas começando.

As mulheres que me ajudaram inclinaram suas cabeças raspadas e choraram as lágrimas que eu não consegui, amontoadas com seus corpos fracos para me oferecer proteção.

Mal soltei um som, meus pulmões pouco desenvolvidos não me permitiram chorar. Isso dificultou minha vida, foi um preço que paguei ao longo dos anos, mas foi o motivo de eu ter sobrevivido.

Veja, crianças nasceram em Auschwitz.

E eu fui uma delas.

—❖— PRAGA, HOJE —❖—

ERA NOVEMBRO, e o frio era um hóspede indesejável. Os joelhos de Naděje estalaram quando ela se levantou para pôr mais lenha no aquecedor. Lá fora, o nevoeiro tinha aumentado, e a luz da rua transformava o horizonte em uma bruma âmbar, algodoadada. Era uma noite amortecida e recolhida, feita para reflexões e infindáveis xícaras de café. A cama era um conforto a que ela se negaria até ter *aquilo* terminado.

Olhou para a pilha de cartas à sua frente, e com seus dedos envelhecidos sentiu as marcas profundas onde a pena de sua mãe derramara rios de azul.

Adiara aquilo por tempo demais. Esperou o momento certo para contar uma história que havia começado muito antes de ela nascer. Pelas palavras certas. Pela hora certa.

Mas a vida não espera até estarmos prontos. Na maioria das vezes, ela nos joga nas profundezas e exige que nademos. Preparados ou não.

Houve uma batida de leve na porta, e Kamila, sua neta, apontou a cabeça escura por trás da porta, suspirando ao vê-la à escrivaninha. Seus olhos disseram milhares de palavras, e a boca logo acompanhou, como geralmente acontecia:

– Você vai se acabar, *Babička*, ficando acordada assim, você sabe o que o médico disse.

Naděje analisou a moça por sobre os óculos, seus olhos azuis penetrantes, como faziam quando ela estava em pé em um tablado, pedindo aos alunos que refletissem sobre as coisas de uma maneira diferente.

– O que os médicos de fato sabem sobre o espírito humano, *dítè*? Eles só confiam no que podem colocar em um vidro, ou explicar em branco e preto. Mas eu vi o que as pessoas podem fazer, o que elas podem conquistar quando sobrevivem. É apenas uma questão de vontade.

Kamila não era tola de discutir filosofia com a avó. Então, em vez disso, tentou uma simples e irrefutável verdade:

– Mas todos nós precisamos dormir, *Babička*, até você.

Os lábios de Naděje curvaram-se numa confirmação, e ela escolheu uma velha mentira como se fosse um velho par de chinelos, confortável e familiar.

– Só mais dez minutos. – Depois, levantou os olhos, com um olhar esperançoso. – E talvez mais uma xícara de café?

Kamila soltou um som que era um misto de divertimento e resignação.

– Tudo bem, mas depois é hora de dormir – disse, com firmeza, pressionando os lábios na têmpora da avó, antes de ir até a cafeteira do outro lado da sala.

Naděje concordou com a cabeça, mas as duas sabiam que isso não ia acontecer. Ela ficaria ali até terminar, não importava o quanto fosse demorar. Colocou os óculos novamente e virou uma nova folha de papel. Então, tocou na fotografia em sua moldura dourada, sempre na sua escrivaninha, de uma mulher jovem e magra, cabelo escuro muito curto e com um bebê nos braços.

Tinha uma última história a contar.

A história delas.

E começava com o inferno sobre a terra.

Auschwitz, dezembro de 1942

– Ficou maluca, *Kritzelei?* – sibilou Sofie em seu ouvido, os olhos arregalados de medo, o entrecruzado de cicatrizes em sua cabeça recém-raspada violáceo contra a brancura do crânio. – Quer que eles atirem na gente? Vá andando.

Eva Adami caminhava aos tropeços sob um temporal, em seus tamancos desempareceirados e grandes demais, quase perdendo um deles na lama espessa e implacável revirada por milhares de pés antes dela. Ainda estava escuro, talvez passasse um pouco das quatro da manhã, embora a intensa luz dos holofotes fizesse parecer muito mais tarde. Ela se curvou enquanto caminhava, tentando se manter aquecida. Tarefa fútil e ingrata. O aguaceiro parecia se inclinar maldosamente para escorrer por dentro da sua gola. Ela detestava a *Appell*. A dupla chamada diária, onde se esperava que se arrastassem lá para fora e esperassem, não importando o clima, não importando se estivessem vestidas ou não, enquanto eram contadas e recontadas horas e horas a fio. A desobediência poderia custar sua vida. Mas, naquele lugar, quase tudo poderia custar sua vida.

Ela se virou para olhar a amiga, uma expressão esquisita em seu rosto magro, os olhos cor de avelã parecendo ainda maiores por causa do cabelo escuro raspado.

– Só estamos aqui há uma semana. Foi o que Helga acabou de dizer.

Houve um leve suspiro, seguido por um xingamento em voz baixa. Uma semana. *Ali*.

Uma semana em que tinham sido desprovidas de sua humanidade. Em que foram arrebanhadas feito gado e enfiadas dentro de um trem sujo cheirando a morte e a degradação, mal dando para respirar com a pressão entre os corpos. E então chegar a um profundo caos, barulho e gritos, manuseio grosseiro, depois separadas em grupos e conduzidas a um grande saguão onde foram despidas e enfileiradas nuas, em frente aos olhares maliciosos dos guardas da SS, as cabeças raspadas por mãos rudes. Em seguida, atropelaram-se para se vestir, escolhendo em um sortimento de itens incompatíveis e usados, e foram postas para fora.

Eva não sabia que ainda podia ficar chocada depois de tudo que havia passado até então, mas de algum modo as palavras de Helga provocaram isso.

– Uma semana no inferno – murmurou Vanda, ecoando seus pensamentos. Seu cabelo ruivo, a pele clara e as sardas contradiziam sua origem tcheco-húngara. – A sensação é de uma eternidade.

Estivera com elas no trem. Viajaram em pé por dois dias. Havia um balde para comida e um para os dejetos de cinquenta mulheres.

– Você pensa que é preciso mais do que uma semana para acabar com uma vida? – sussurrou Helga, parecendo incrédula. Estava na faixa dos 50 anos, mas parecia muito mais velha. Seu cabelo escuro e grisalho tinha começado a crescer em mechas murchas, e seus olhos tinham aquele olhar vidrado que algumas outras pessoas tinham, como se fosse um fantasma ambulante. Estava ali há vários meses a mais do que elas, e o tempo começava a cobrar seu preço, especialmente em sua paciência para com as recém-chegadas, como Eva.

– Depois de tudo, você ainda não sabe que uma vida pode sofrer uma reviravolta dessas? – perguntou, batendo a palma da mão em seu pulso magro, levando todas elas a se encolher com o som parecido com o de uma bala. Ela sacudiu a cabeça, depois se recusou a olhar de volta para elas.

Eva realmente sabia. Melhor do que algumas.

Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar que, apenas uma semana antes, não fazia ideia até mesmo de que existisse tal lugar – destinado unicamente ao *extermínio*. Um lugar que fazia Terezín, o campo de concentração e gueto judaico fora de Praga, a que tinha chamado de lar no último ano, parecer um sonho.

– Não, o inferno teria sido melhor – murmurou Vanda, quando Helga voltou a seguir em frente e elas a acompanharam, seus lábios se retorcendo num sorriso irônico, ao olhar de volta para elas.

Todas se viraram e a fitaram, intrigadas, quando um dos pastores-alemães começou a mostrar os dentes e a rosnar, o pelo eriçando-se, pronto para estraçalhá-las e deixar na lama uma trilha sangrenta dos seus restos.

Vanda olhou de volta para o cachorro, sem nem ao menos se encolher.

– Pelo menos, estaríamos quentes.

Eva resfolegou. Era surpreendente o que uma pessoa achava engraçado, agora.

Na “refeição” do meio-dia, elas ficaram em fila, esperando sua respectiva porção de sopa. Eva usou a mão como xícara para o líquido aguado, não conseguindo nem perto da quantidade que lhe era devida, porque por mais que tentasse, sem uma caneca, o precioso líquido ainda caía no chão. A comida tinha um cheiro e um gosto peculiares. Algumas se recusaram a comer, assim que chegaram, e até ela, que conhecia bem demais a fome, tendo vindo de Terezín, tinha achado difícil ingeri-la no começo, mas agora todas engoliam aquilo com desespero. Corria um rumor de que os guardas acrescentavam algo para mantê-las calmas e parar a menstruação. No primeiro caso, não funcionou, e o tempo diria quanto ao segundo. Ela desconfiava que, de qualquer modo, as rações de fome acabariam dando um jeito nisso, embora não fosse algo garantido, pois algumas pobres mulheres ainda menstruavam, apesar de tudo.

O gosto da sopa era realmente horroroso, mas ela teria dado qualquer coisa para conseguir mais. Em sua mente não havia espaço

para o medo do dano que uma comida estragada poderia fazer em seu corpo a longo prazo; agora só conseguia se preocupar em sobreviver mais um dia, e isso significava tentar conseguir mais, de algum modo.

À noite, por volta das sete horas, depois de terminado o dia de trabalho e elas terem “tempo livre” – que passavam em seus barracões –, recebiam uma fatia de trezentos gramas de pão preto e uma colherada de geleia ou margarina, cuja metade deveria ser guardada para o café da manhã. Poucas conseguiam esperar e começavam o dia com um substituto granuloso de café, que não tinha muito gosto, até finalmente receberem a sopa.

– A primeira coisa que vamos fazer – Eva disse a Sofie depois de terminarem de comer, observando uma das mulheres, que estava ali havia mais tempo, adiantar-se para receber uma porção maior, com a ajuda por uma caneca de metal amassada que tinha nas mãos – é conseguir nossas próprias canecas, ou talvez até tigelas.

As que tinham tais luxos conseguiam uma porção maior, além de pedaços maiores de vegetais. Um utensílio tão simples, mas que ali poderia fazer a diferença entre a vida ou a morte.

Sofie olhou, depois sacudiu a cabeça, rindo sem querer. O som foi doce e inesperado, como um trinado em uma manhã sombria de inverno.

– Uma tigela? Aqui? *Kritzelei*, sempre almejando as estrelas. E como você sugere que façamos isso?

Os lábios de Eva contraíram-se em resposta, seus olhos cor de avelã acesos. Em Terezín, onde as duas se conheceram, Sofie havia lhe dado o apelido de *Kritzelei*. Significava “ociosidade”, porque Eva tinha tendência a devanear e ver o mundo da maneira que gostaria que fosse. Tinha sido artista e ilustradora, com um futuro promissor, antes que os nazistas tivessem decidido outra coisa.

Em Terezín, no entanto, Eva havia se tornado uma artista em outras coisas, pela necessidade. Como “escoar”, redistribuir pertences que haviam sido tirados deles na *Schleuse*, área aonde os prisioneiros

eram levados no campo e espoliados de suas coisas. Escoar não era de fato roubar, era mais como devolver, só que com lucro.

– Ainda não sei – ela respondeu, observando uma mulher, tão magra que parecia feita de palitos de fósforos, passar flutuando. – Mas temos que tentar. Não podemos acabar como *elas*.

– Nós as chamamos de *muselmann* – Helga cochichara, logo depois de se apresentar, na primeira noite que passaram no barracão gelado, onde mais de uma centena de mulheres dormia, oito em cada um dos três níveis dos beliches duros, de madeira, que se estendiam pelo cômodo, parecendo gaiolas.

Elza olhou para onde o dedo vermelho e retorcido de Helga apontava, uma mulher com aspecto de uma casca vazia, cuja alma parecia ter se despedido havia um tempo.

– *Muselmann?*

– Como homens ajoelhados rezando. Completamente recolhidas em si mesmas. São as que simplesmente desistiram.

Eva pestanejou, tentando assimilar aquilo, em meio a tudo mais que havia acontecido naquele dia. Seria aquele seu futuro? Seria o de Sofie?

– Você consegue culpá-las? – perguntou Vanda, quando uma jovem, que também estivera com elas no trem, desatou a chorar.

De repente, uma *Kapo*, uma prisioneira antiga, encarregada do barracão delas, adiantou-se e estapeou o rosto da menina que chorava, mandando-a ficar quieta ou chamaria um guarda para calá-la em definitivo.

– Ela não é cruel como as outras – disse Helga, referindo-se às outras *Kapos*, algumas delas tão ruins quanto os guardas, imitando seu sadismo para cair nas suas graças; algumas pareciam ter conservado um lampejo de humanidade.

Enquanto Eva e Sofie olhavam fixo, Helga explicou:

– A menina que está chorando acabou de descobrir o que aconteceu com a mãe – cochichou. – É melhor ela aprender a se adaptar e não fazer um escarcéu, ou logo será a próxima.

Eva sentiu um calafrio correr pela espinha, que não tinha nada a ver com o frio no barracão gelado.

– Para onde eles levaram a mãe dela? – perguntou.

A idosa estava curvada como um velho corvo. Seu cabelo preto, sujo, que estava se tornando grisalho, recomeçara a crescer, liso e murcho em sua cabeça, como penas comidas por traças. Ela olhou para Eva como se a resposta fosse óbvia, depois indicou o lado de fora, ainda que elas não pudessem de fato ver pelas pequenas frestas.

– Para a chaminé.

Eva ficou sem fala, agarrando-se a Sofie, enquanto tomava consciência.

– Eles as queimaram?

Sofie fechou os olhos num horror mudo.

Helga assentiu com uma expressão compassiva. Seus olhos grandes e escuros, bordejados com rugas finas e arroxeadas não tinham vida, mesmo quando disse:

– Vamos morrer aqui. Quanto antes aceitarmos, melhor.

Então virou-se e deitou de frente para o outro lado da parede no beliche, aparentemente cansada de falar e explicar o inevitável para as recém-chegadas.

Eva engoliu em seco, ouvindo o som dos soluços abafados da menina, seu coração golpeando dolorosamente dentro do peito. Trocou com Sofie e Vanda um olhar silencioso de horror.

Ao cair da noite, elas receberam uma fatia de pão preto de pouco mais de sete centímetros, e só lhes restou tentar dormir. Eva encaixou o corpo ao lado do de Sofie. O beliche era duro, com um cobertor fino e sujo que todas procuravam compartilhar. Apesar do contato entre os corpos, ainda estava gelado. Seus pés estavam nus, já que não conseguira encontrar meias curtas ou compridas depois de ter sido deixada nua para o que simulava um chuveiro, onde haviam simplesmente borrifado água sobre a pele suja e colocado roupas ainda mais sujas sobre o corpo molhado e frio. Levaria algum tempo até que elas comessem a temer chuveiros, mas por enquanto eram

abençoadamente ignorantes. Por enquanto, processar *isso* era o suficiente. Ela vestia um conjunto maltrapilho, consistindo em um velho redingote, um uniforme de mangas compridas, enorme, além de uma jaqueta masculina fina, listada, além de tamancos desempareceirados, que a alertaram para manter nos pés até enquanto dormia, para evitar roubo.

Eva virou-se, seus olhos contemplando o estrado de madeira sobre sua cabeça, fazendo as outras resmungarem, pois cada uma delas também teria que virar. As palavras sombrias de Helga reverberavam dentro de seu crânio como uma marreta.

– Nós vamos viver – cochichou para Sofie, pegando a mão da amiga na noite escura. – Sobreviveremos a isto, como fizemos em Terezín.

– Como? – murmurou Sofie.

Sua amiga de fala franca, dura, virou seus olhos escuros e temerosos para ela. Sob eles, havia olheiras fundas. No trem o sono fora escasso, e ela desconfiava que também haveria pouco descanso nos dias à frente.

– Tem uma mulher aqui que disse que eles mataram todo mundo em sua aldeia, todos foram levados e fuzilados no primeiro dia. Quase todas aqui perderam pais ou companheiros ou filhos.

Eva olhou para ela no escuro, tentando assimilar aquilo.

– Isso mesmo – disse Helga entre dentes, sentando-se com uma careta, depois se virando de frente para lhes desferir um olhar enfezado por mantê-la acordada. Seus olhos estavam vidrados, quase febris em sua raiva súbita. Algumas das outras mulheres gemeram com o incômodo. Helga ignorou-as, enquanto repreendia Eva:

– Você se acha especial? Que você, entre todas as outras aqui, merece viver?

– Não, não acho. – Eva sacudiu a cabeça.

– Mas de algum modo você pensa que sairá daqui viva? – sibilou Helga, erguendo uma sobrancelha fina.

– Calem a boca! – gritou a *Kapo*, surgindo, de repente, do seu quarto no final do barracão. – Ou mando atirarem em vocês aqui e agora!

Elas se aquietaram rapidamente.

Eva tornou a se deitar, encarando a madeira acima da cabeça, e depois cochichou para Sofie:

– Nós viveremos e vou reencontrar Michal.

Helga fez um som com o fundo da garganta, incrédula:

– Seu marido? – adivinhou. – Você é uma *idiota* absoluta. Ninguém aqui pode se dar ao luxo de pensar assim. Acredite em mim, é melhor esquecer quem você era; agora aquela vida acabou.

Eva afastou uma lágrima raivosa, pensando: *Muselmann*.

– Não. É *isto* que não podemos nos dar ao luxo de pensar, como se não houvesse esperança, porque essa é a única maneira de eles de fato vencerem.

AUSCHWITZ TINHA O TAMANHO de uma pequena cidade. À entrada dos portões, havia uma mentira: *ARBEIT MACHT FREI*. O TRABALHO LIBERTA.

Eva pressionou o maxilar perante a ideia. A não ser que os nazistas estivessem se referindo à liberdade final, da vida. Arrastou-se para perto de uma cerca de arame farpado em seus tamancos enormes, que escorregavam e não impediam o frio, lama suja envolvendo seus dedos congelados, provocando dores lancinantes em suas panturrilhas, conforme andava.

Auschwitz funcionava tanto como campo de extermínio quanto de trabalho. Originalmente, tinha sido um centro de detenção para prisioneiros políticos, mas depois da Solução Final de Hitler, que conclamava a morte em massa de todos os judeus e de outros indesejáveis, tais como deficientes mentais, ciganos, homossexuais e outros considerados inadequados para viver na Alemanha nazista, tinha se transformado oficialmente na sua maior máquina de mortandade.

Eva estava em Birkenau, ou Auschwitz II-Birkenau, como era oficialmente conhecido, a maior das unidades do campo, que podia abrigar mais de oitenta mil prisioneiros. Era um dos mais de quarenta complexos semelhantes.

Eva ergueu os olhos para além da expansão de lama revirada por dezenas de milhares de pés, além da longa construção de tijolos com a torre de vigia acima das fileiras de decrepitos barracões de madeira, até um pequeno grupo de homens que consertavam um telhado a cem metros de distância.

Michal estava aqui, em algum lugar. Poderia até estar entre *aqueles homens*. Ela sabia que as chances de um daqueles homens ser seu marido – ou mesmo de conhecê-lo, num campo daquele tamanho, com tantos prédios, cobrindo distâncias tão vastas – eram baixas. Mas se conseguisse arrumar um jeito de falar com eles, talvez alguém soubesse alguma coisa. Talvez alguém, de algum modo, pudesse lhe contar *alguma coisa*.

Afinal de contas, era por isso que ela estava ali.

Enquanto todos em Terezín, que funcionava como um campo de transição bem como um gueto, tinham se esforçado ao máximo para tirar seu nome das listas de transporte, Eva tinha se oferecido para ir. *Para lá*. Oferecera-se na esperança de seguir o marido, antes de saber, exatamente, o que aquilo significava. Não foi a única esposa a fazer isso; inúmeras mulheres estavam ali pelo mesmo motivo.

Um guarda da SS viu-a encarar o grupo de homens, uma mão nervosa aproximando-se da arma. Ela prosseguiu na lama o mais rápido que pôde em direção à lavanderia, para onde tinha sido designada naquele dia, juntamente com as outras mulheres na fila à frente. Levantou o queixo e deu uma última olhada no guarda, antes de seguir, e pensou: “Eu faria de novo. Mesmo sabendo o que sei agora. Se isso significasse encontrar você, Michal. E encontrarei”, jurou.

Levou três dias para conseguir as canecas.

Usou tudo o que seu tio Bedrich lhe ensinara. Ele havia sido um jogador e trapaceiro e lhe mostrara tudo o que sabia lá em Terezín, o gueto, onde, com o restante da sua família, tinham ido parar depois que os nazistas ocuparam a Tchecoslováquia e decidiram que os judeus não eram mais cidadãos em seu próprio país.



Anos antes

– Foi esta? – Bedrich perguntou uma noite, enquanto pegava a carta que ela havia escolhido um minuto antes, que de algum modo achava-se incrustada em seu velho chapéu cinza.

– Foi! – ela exclamou surpresa, seus olhos cor de avelã enormes em seu rosto em formato de coração.

Os vincos de risada próximos aos olhos do tio aprofundaram-se, enquanto ele tirava a rainha de espadas e ela o olhava de boca aberta. Deu uma piscada com seu olho escuro, depois enrolou um cigarro.

Eles estavam no pátio, e nos fundos alguém tocava violão, uma canção folclórica sobre amor e perda. Mais tarde, houve até um concerto, com música nova de um compositor famoso. Às vezes, era até possível se convencer de que aquela era uma vida normal, embora a higiene precária, a superlotação, e as rações de fome sempre trouxessem de volta a verdade.

– Como sempre, trabalho duro, Bedrich – disse o pai de Eva. Seus olhos cor de avelã, tão parecidos com os dela, estavam provocativos ao passar, erguendo um dedo em saudação. Era uma brincadeira familiar e desgastada.

– Sempre – foi a resposta de Bedrich, sua boca erguendo-se num semissorriso velhaco, irrepreensível.

Eles olharam, enquanto Otto, o pai de Eva, passava rápido, com um cumprimento de cabeça para a filha e o recado de que sua mãe procurava por ela.

Seu pai era um homem alto e magro, de terno, cabelo espesso e grisalho e olhos bondosos. Carregava muita papelada nos braços ao se dirigir para o escritório do campo, onde trabalhava como guarda-livros, usando sua capacidade como um dos antigos e melhores contadores da cidade de Praga para manter o campo nazista funcionando com eficiência.

Não estava só. Todos ali trabalhavam para manter o campo funcionando, como Eva, trabalhando nos jardins; sua mãe, que trabalhava na lavanderia; ou Bedrich, que parecia fazer todos os trabalhos estranhos para os quais pudesse ser necessário um homem que não fizesse perguntas demais. Tudo era necessário. No entanto, poucos tinham sorte o bastante para pegar um dos melhores trabalhos, como seu pai. Em grande parte, isso se devia a sua situação

como um dos primeiros a chegar; havia uma hierarquia, e os que haviam ajudado a construir o lugar estavam, conseqüentemente, no topo. Era como se eles tivessem tido escolha em sua construção; não tiveram.

O pai de Eva, para grande dor da família, não conseguiu utilizar o benefício da sua posição – e, mais importante, a proteção que sua posição poderia ter-lhe garantido.

Bedrich sacudiu a cabeça e murmurou, baixinho:

– Sempre tão ocupado, Otto, conformando-se às regras deles.

Seu tio flagrou-a olhando fixo para ele e apertou os lábios, dando uma grande tragada em seu cigarro caseiro, antes de apagá-lo com um apertão dos seus dedos grossos, e colocar o restante em seu chapéu cinza como precaução, seus olhos negros excepcionalmente sérios.

– Eva, me escute. É importante. Seu pai é o melhor homem que eu conheço, bom, justo. Admirei-o a vida toda. Seu *Babička* dizia que eu era a mais rebelde da família porque, como você sabe, sempre me metia em confusão. Ainda me meto, por falar nisso.

Ele piscou para ela, com um brilho nos olhos, o que a fez abrir um sorriso largo. Sempre adorara seu tio um tanto malandro, que costumava trazer debaixo da manga algum esquema para enriquecer, um dos quais fora, por um tempo, criar répteis exóticos, o outro, um salão de pôquer pós-expediente, o que realmente o deixou bem rico, antes de ser totalmente confiscado.

Bedrich continuou:

– Sua avó queria que eu fosse mais como o Otto, tivesse um trabalho decente de vida inteira, visse certo e errado em branco e preto, não em tons de cinza. As coisas sempre precisam somar para ele. Acho que é por isso que ele se tornou contador. – Ele sorriu, mostrando um conjunto de dentes ligeiramente encavalados num sorriso contagiante. Sacudiu a cabeça, ao continuar: – Ele me diz, “Bedrich, não vou mudar quem sou, não vou deixar de defender o que acredito, o que é certo, e não vou começar a mentir e enganar para progredir neste lugar. Nem cobrar sob alguma falsa sensação de

direito por ter sido um dos primeiros infelizes a vir para cá. Se meu nome estiver numa lista de transporte, por que devo lutar contra, se isto apenas significará que outra pessoa deve ocupar o meu lugar?”.

Eva soltou a respiração, chocada. As listas não eram perfeitas nem justas, embora quem as controlasse quisesse que eles acreditassem em toda eficiência, precisão e responsabilidade alemãs. Às vezes, acrescentavam mais pessoas a esmo nos transportes, que é como os trens eram chamados ali. Pessoas perfeitamente saudáveis, que poderiam trabalhar ali, eram arrancadas da família e mandadas para o “Leste”, sem ao menos se despedirem, só para ocupar um espaço extra num vagão e só pelo fato de estarem na linha de visão dos guardas.

Era o que tinha acontecido com Michal. Eva só sabia que ele tinha sido levado, enfiado em um trem, nada mais. Seu mundo acabou em minutos e, desde então, a preocupação e as conjeturas sobre aonde ele havia sido levado eram um tormento constante. Ela desviou os olhos, embaçados de lágrimas não vertidas.

Seu tio apertou as pálpebras, acenando com a cabeça como se soubesse exatamente o que ela estava pensando.

– Eu disse a ele: “Otto, não seja bobo, você faz isso pelo mesmo motivo que se abaixa quando uma bala é disparada. Não precisa facilitar para eles”. Mas ele não me ouve. Mas quem sabe você me ouvirá? Tenho visto como é para você. Você é pequena, menor do que os outros, sempre perdida em seu próprio mundinho, desenhando, sonhando com um mundo melhor com a sua arte, sempre foi assim, mesmo quando garotinha. – Ele sorriu. – Exatamente como a Mila.

Os dois ficaram tristes, lembrando-se dela. A filha dele, prima e melhor amiga dela, levada muito cedo pela escarlatina, que correria solta no gueto durante o verão. Ele ergueu os olhos, reprimiu as lágrimas.

– Ser sensível e pequena pode ser difícil num lugar como este; podem passar por cima de você, se não se mantiver firme. Às vezes, isso significa que você precisa lutar com mais garra, para ensinar os outros a serem mais justos, entende?

Eva deu de ombros, já sabia disso. Às vezes precisava usar os cotovelos para garantir que não seria posta para fora da fila de comida, era verdade. Se não chegasse a tempo na fila, poderia não conseguir comida, não havia sobras ali. Ela havia aprendido rápido essa lição. Não precisou de outra.

Ele balançou a cabeça, como se pudesse ler seus pensamentos.

– Às vezes você precisa usar outras habilidades para sobreviver. Esperteza – ele disse, dando um tapinha na cabeça e dirigindo-lhe uma piscadinha. – Você fará coisas que não se encaixam lá, no mundo real. Mas tem que fazê-las mesmo assim. Porque não estamos lá fora, entende? E ninguém virá em nosso socorro tão cedo. Existe um regulamento diferente para este lugar, para esta época em nossa vida. Entenda isto, e talvez você saia viva, e eu preciso que você sobreviva a isto, está bem, *dítě*? Já perdemos gente demais.

Logo depois, suas aulas com o tio começaram. Eram uma distração bem-vinda para seu pesar com a perda da prima, seus medos e suas preocupações em relação a Michal.

Agora, ela tinha um objetivo: descobrir aonde ele tinha sido levado e ir para lá assim que pudesse. Mas até então, aprenderia qualquer coisa que pudesse ajudá-la a sair daquilo viva, e aprendeu.

No decorrer de uma semana, o tio lhe ensinou ilusionismo e a arte da distração. Na segunda semana, ela conseguia tirar algo da mesa sem que ninguém percebesse, e na terceira, colocar a coisa de volta também sem que notassem – o que, afinal, era a parte realmente complicada. Ela não queria roubar dos amigos, nem de outros moradores, e a princípio não faria isso, mas roubaria dos guardas e de seus inimigos, se fosse necessário, para manter os amigos e a família vivos. Aprendeu a perceber que a maioria das pessoas não vê o que de fato acontece a sua volta, mesmo quando acontece bem debaixo do nariz. Aprendeu, também, que isso pode ter a ajuda de um pouco de distração, caso seja necessário.

Em três meses, já conseguia fazer o truque das cartas. Depois que pegava o jeito, era simples. Assim como a maioria das coisas,

realmente, o conhecimento era poder.



Tinha sido relativamente simples conseguir as canecas. Mas longe de ser fácil. Foi preciso guardar por três dias o pão preto de centeio que elas recebiam para trocar com uma mulher indicada por Helga, que poderia arranjar tais coisas. Uma polonesa alta, de quadril largo, chamada Zuzanna, foi quem lhe entregou três canecas.

– Arranjei estas para vocês – ela disse, deixando uma de lado. Era assim que chamavam ali, “arranjar”. Eva olhou a outra caneca deixada de lado.

– Preciso de quatro – afirmou.

– Vai custar mais.

Eva concordou com a cabeça, oferecendo um cachecol, pertence de sorte encontrado por Sofie ao chegar, na confusão de roupas, que tinha sido sua contribuição. Sofie não sabia que Eva andara passando fome para conseguir as canecas, ou a infernizaria por isso. E tinha sido um inferno, três dias só de café fajuto e sopa aguada. Mas a comida era o item de troca mais valioso em Auschwitz, de mais alta circulação.

Zuzanna olhou o cachecol grosso, surrado, mas quente, e concordou, estendendo a quarta caneca. O segundo item de troca mais valioso era qualquer coisa que ajudasse no frio implacável.

Valia a pena por uma barriga mais cheia; as canecas garantiriam que elas conseguissem, no mínimo, sua porção de sopa e café, em vez do pequeno punhado que pingava pelos dedos nus, diariamente. Uma coisa tão pequena, mas fazia uma grande diferença. Eram para ela, Sofie, Vanda, e outra mulher chamada Noemi, que dormia no beliche abaixo delas.

Naquela manhã, ela passou a caneca para Noemi antes da *Appell*. Os olhos de Noemi arregalaram-se com tal presente. Era uma mulher bonita, apesar de seus cabelos negros terem sido raspados, com olhos azuis e maçãs do rosto salientes.

– Para mim? – perguntou, chocada. – Como você arranjou isto? Fico te devendo, obrigada.

Eva deu de ombros, piscando para ela. Noemi ficaria lhe devendo, era assim que as coisas funcionavam ali; uma vida que existia numa circulação de favores, quanto maior o favor, maior o que você deveria receber em troca. Poderia não dar em nada, ou ser uma apólice de seguro para mais tarde. Qualquer pessoa sensata fazia isso.

– Você sabe das coisas, Eva – disse Vanda, seguindo atrás delas com a nova caneca em mãos. Já falava em como dormiria com ela amarrada na cintura, para impedir roubo, o que também era comum. As pessoas faziam qualquer coisa só para sobreviver.

Eva deu de ombros, evasiva. Não sabia das coisas no começo, não por um bom tempo, tendendo demais a devanear, e com o coração mole demais. Mas Bedrich tinha sido um bom professor.

—❖ TRÊS ❖—

A NEVE COMEÇAVA A CAIR em fluxos densos que rodopiavam ao redor das mulheres que seguiam em frente, enfrentando tosses e espirros. As espertas mostravam-se mais fortes e mais dispostas, aptas para trabalhar. As outras corriam o risco de receber o tipo de trabalho que garantisse uma morte rápida.

O barulho vindo das vastas fileiras de mulheres era alto como o zumbido de abelhas, mesmo com os efeitos amortecedores da neve. Eva tinha os dedos dos pés entorpecidos, mas mantinha as costas retas para parecer mais alta e mais forte. Decidiu que sua próxima encomenda seriam meias compridas. Estava começando a realmente se preocupar com o frio congelante.

Mas isso não era nada, comparado ao problema atual de Vanda. A húngara engoliu em seco, comprimindo os lábios cheios, a pálida pele sardenta do rosto sem cor, fazendo seu cabelo ruivo tosado reluzir na fraca luz invernal.

Um guarda da SS chamado Wilhelm Hinterschloss, de olhos frios e cinzentos, lábios finos e dentes ainda mais finos, parecendo fusos, olhava para Vanda como se ela fosse um inseto que ele gostaria de esmagar, e logo.

Repetiu suas instruções, movimentando o queixo ao fazê-lo, mas ficou claro que ela, que tinha um conhecimento muito limitado de alemão, continuava sem entender.

– O armazém – sussurrou Eva, chegando mais perto, o coração golpeando de medo. – Eles querem que você vá ao armazém de triagem, aquele que chamam de “Kanada”.

Apelidado assim pelas prisioneiras por causa de um lugar que

consideravam ser uma terra de fartura, era escrito com “K”, em alemão.

Hinterschloss virou-se abruptamente para ela, com o olhar faiscando – o branco dos olhos era amarelo, como se tivesse sido mergulhado em nicotina. Sua voz era fria e baixa, mais cortante que o ar gelado.

– O que você acabou de dizer?

Um arrepio correu pela espinha de Eva, e sua boca ficou seca de repente.

Houve um lampejo dos dentes parecidos com os de um rato, levando Eva a se lembrar vivamente de um roedor prestes a se banquetear com sua presa.

O coração dela começou a bater forte, suas pernas e seus braços ficaram entorpecidos, a língua passou a ser grande demais para a boca, ao tentar formular uma resposta.

Ela engoliu em seco quando ele veio à frente, suas botas grossas e com tachões afundando na neve, o rosto a centímetros do dela. Tinha o hálito rançoso, cheirando a uísque. Ao que parecia, os guardas tinham recursos para anestesiar o frio, enquanto esperavam com elas ao ar livre. Não parecia que precisassem disso para o coração. Não tinham coração.

Eva hesitou.

– Eu... estava traduzindo, senhor.

As mãos de Hinterschloss foram até a arma, e ela fechou os olhos por um momento, em um medo abjeto. Por sua cabeça, sem esperar, passou repentinamente a primeira vez que encontrara Sofie, no gueto judeu, antes de ter começado suas “aulas” com o tio.



Anos antes

– Você fala alemão?

Eva levantou os olhos do caderno de desenho. Era apenas uma coleção de pedaços de papel rasgados, que ela juntara num caderno amarrado com barbante, trocados por uma batata. A mulher que

tinha sido levada para seu barracão naquela manhã estava em pé ao lado do seu beliche. Ainda precisava encontrar uma cama. Ali, espaço era sempre um problema. Era alta e magra e usava um velho vestido verde puído nas beiradas. Tinha o cabelo longo, loiro escuro, e grandes olhos escuros. No alto da sua testa, beirando o couro cabeludo, havia um ferimento grosso e empelotado, que começava a cicatrizar. Parecia que a cicatriz seria bem grande. Apesar disso, ou talvez em oposição a isso, Eva não pôde deixar de notar que ela era muito bonita, com lábios cheios e maçãs do rosto bem definidas.

Ao fundo, Eva prestou atenção em duas mulheres que discutiam, algo que não percebera enquanto desenhava. A comida racionada e o confinamento estrito, juntamente da ameaça constante de serem transportadas para um campo de trabalhos, longe da famílias, contribuía para um ambiente tenso. Eva, com frequência, optava por não participar daquilo tudo, recolhendo-se no passado, com seus desenhos.

Olhou para os olhos curiosos, escuros e grandes da desconhecida, quando ela se sentou a seu lado. Depois, deu de ombros, respondendo à pergunta dela:

– Na verdade, não. Todo mundo aqui fala tcheco.

– Que maluquice.

O cabelo longo e escuro de Eva balançou para a frente, enquanto ela olhava a recém-chegada, surpresa:

– Por que maluquice?

– Os presos falam tcheco, *Kritzelei*, mas quem está no comando, as pessoas que fazem as regras, de quem você poderia ter que tirar alguma coisa, falam alemão.

Os olhos cor de avelã de Eva arregalaram-se incrédulos perante as palavras da desconhecida e de suas ideias ainda mais estranhas.

– Tirar alguma coisa dos alemães? – ela repetiu. – Como o quê, uma bala?

Ela sacudiu a cabeça e voltou para seu desenho do rio Vltava, logo depois da primavera, quando os malmequeres-dos-brejos estavam em

flor. Era onde desejava estar, mais do que em qualquer outro lugar. De volta em casa. Continuou falando, enquanto desenhava:

– Você não percebe? Eles nunca nos verão como um deles. É por isto que estamos aqui.

Era um fato simples. Por isto tinham sido arrebanhados e levados de suas casas, forçados a viver naquele infernal gueto judeu.

– É, eles nunca a considerarão um deles, mas você pode dar a eles um motivo a menos para ser tratada como um animal. Conhecendo a língua deles.

Eva franziu o cenho enquanto refletia. Aquilo fazia sentido e poderia ajudá-la, caso um dia conseguisse descobrir para onde tinham levado seu marido. Ergueu os olhos, levantando o lápis.

– Mas como?

– Eu te ensino.

– Por quê? Por que você faria isto?

– Porque – ela sorriu – soube que você tem lugar no seu beliche. É verdade?

– É.

Recentemente, ficara com um lugar disponível, porque a mulher com a qual ela o dividia tinha sido levada, transportada para outro campo em algum lugar a “Leste”, como os outros. Quem saberia onde?

A mulher inclinou-se para frente, de onde estava, na beirada da cama.

– Então, fica para mim, certo? – Depois, sorriu, e o sorriso transformou seu rosto, tornando-a jovem e travessa, instantaneamente simpática. – A propósito, sou Sofie Weis.

Eva encarou-a e ela sorriu em resposta.

– Tudo bem – concordou, e também se apresentou. – Eva Adami.

Sofie era uma mestra implacável. Era firme e direta, não tolerando discussões, especialmente no que dizia respeito à pronúncia de Eva, ensinando com mão de ferro com o passar das semanas.

– Não, *Kritzelei*. Achate os lábios, não conclua as coisas desse jeito.

– Que importância tem? – suspirou Eva.

Desprezava tudo que dizia respeito aos alemães, era mais forte do que ela; veja o que eles haviam feito com aquelas pessoas, como as forçavam a viver, ficava irritada de aprender aquela língua, de tentar soar como eles.

– Então, vou ter um sotaque e não vou soar como eles, e daí?

Sofie sacudiu a cabeça, exasperada.

– Pense, *Kritzelei*, e então eles te matam porque você soa diferente.

Eva revirou os olhos.

– Eles não me matariam só por isso.

Sofie riu e tirou uma longa mecha de cabelo do rosto, colocando-a para trás. O olhar de Eva deu com o machucado espesso em sua testa e couro cabeludo, que tinha se tornado uma grande cicatriz rosada. Foi um gesto involuntário, mas que mesmo assim comprovou a opinião de Sofie, mais do que Eva se deu conta.

– Como deve ser viver nessa sua cabeça? – murmurou Sofie. – Um monte de arco-íris e um mundo perfeitinho...

Eva travou o maxilar. Não era uma idiota, apenas tinha escolhido não focar o tempo todo no quanto tudo estava ruim. Até então, tinha chegado até ali, não tinha? Conseguira manter seu nome fora de uma lista de transporte, comer, sobreviver. Fazer tudo que estivesse em seu poder para tentar descobrir para onde haviam levado Michal.

– Não sou uma idiota. Não precisa caçoar de mim só por eu ter escolhido não passar o tempo todo batendo a cabeça na parede, porque tenho esperança de um dia sair daqui.

Os olhos de Sofie suavizaram-se, ela pareceu triste.

– Não estou caçoando de você. Te admiro, sinceramente. Prefiro a sua versão do mundo – comentou ela, apontando para a parede ao lado do beliche, onde estavam pregados os desenhos de Eva, oferecendo uma saída para o entorno sombrio. Havia desenhos da amada cidade de Eva, o rio Vltava, e o castelo de Praga. Um toque de lar.

*image
not
available*

desde a anexação da Áustria. Hitler havia declarado que a próxima seria a Tchecoslováquia, mas tínhamos fé de que o presidente Beneš jamais permitiria aquilo, aliás, nem os aliados. Ou, pelo menos, estávamos tentando manter a fé...

– E foi quando você viu o mais lindo... – interrompeu Vanda, seu cabelo ruivo curto brilhando até no barracão escuro.

– Não, quando ela ouviu a música mais linda... – corrigiu Sofie, estreitando os olhos escuros para Vanda. – E pare de interromper a história. Eu estava começando a sentir o calor do sol nos meus dedos.

Estendeu suas pobres mãos vermelhas, inchadas e doloridas pelo frio. O congelamento era um problema real no campo, além de todo o resto.

Eva fechou as mãos dela entre as suas.

– Está certo – continuou. – Eu estava sentada junto à fonte com meu caderno de desenho, sob a luz do sol, e fazia calor longe do vento. À minha frente havia um pêsego que eu tentava desenhar, mas minha mente ficava me arrastando de volta para os olhos preocupados do meu pai, para o medo de que talvez entrássemos em uma nova guerra. Pensei se deveria simplesmente sair para dar uma volta, deixar para trás meus pensamentos sombrios, quando escutei a música mais linda. Um violino começou a tocar, e me senti como se tivesse tropeçado para dentro de um sonho. No começo, soou baixinho, depois assombroso. A melodia parecia me levar, e devo ter ficado sentada por uns dez minutos, só escutando. Não conseguia ver de onde ela vinha, então me levantei para dar uma volta e procurar, mas não havia ninguém. Por fim, olhei para cima e vi que estava sentada logo abaixo de um estúdio, e acima de mim um homem tocava. De onde eu estava, só conseguia ver seus sapatos.

– Não dava para ver nem um pouco do rosto dele? – Vanda perguntou.

– Não.

– Os sapatos eram bonitos? – perguntou Helga.

– Eram velhos.

*image
not
available*

—❖— QUATRO —❖—

A INTERVENÇÃO DE EVA a favor de Vanda foi o primeiro lampejo de boa sorte que ela tivera desde sua chegada.

A série de armazéns conhecidos como “Kanada” estendia-se pelo que pareciam quilômetros.

Era a terra da fartura, e facilmente a atribuição de trabalho mais valorizada no campo. Era lá que os oficiais guardavam os pertences tirados dos prisioneiros ao chegar, tudo precisava ser organizado e classificado. Esses itens, dos carrinhos de bebê das mães judias às dentaduras dos homens judeus, seriam utilizados pela população alemã. *Sem desperdício, sem cobiça.*

Eva se perguntava se os alemães ao menos sabiam de onde vinha o fornecimento do governo, ou se tinham algum interesse naquilo. Ver o vasto número de coisas que tinha sido confiscada dos prisioneiros e perceber que a maioria daquelas pessoas provavelmente agora estava morta, era um pensamento terrível.

A função de Eva era remexer nos casacos dos homens e vasculhar o forro em busca de bens valiosos, qualquer coisa que pudesse ser útil para aquele povo alemão anônimo.

O roubo era punido com a morte. Se você fosse pego.

Eva tinha aprendido como esconder bem as coisas nos dois anos valiosos de “escoamento” em Terezín. Aprendera como desfazer os pontos em uma manga que fosse forrada, lugar perfeito para esconder algo pequeno, como uma tira de papel, ou um relógio pequeno. Colarinhos poderiam conter joias, caso você tivesse a sorte de encontrá-las, podendo ser trocadas por comida extra ou por informações. Os joelhos dos meiões eram um bom lugar para

*image
not
available*

amigos ou a família, o que valorizavam mais do que ouro ou joias era o rosto das pessoas queridas.

Era isso que Eva tratava com o maior respeito, amontoando-as em um canto e empilhando-as juntas. Seus olhos eram atraídos para as crianças, as mães, os filhos e as filhas, os namorados. Flagrantes do tempo, todas essas lembranças, todas essas vidas, arrancadas.

– Eles vão te fazer queimar ou, no mínimo, entregá-las – disse outra mulher designada para a mesma tarefa ao ver Eva colocar mais uma fotografia na pilha. – Duvido até que queiram ser lembrados do que fizeram, ver que isso aí um dia foram pessoas – continuou, acenando com a cabeça para a pilha de casacos. Depois, pegou a pilha de fotos que Eva estava separando, e ela mesma as levou embora.

Eva fechou o punho.

– Antes de transformarem a gente em ratos, em animais, lutando por migalhas, é o que você quer dizer? – Eva precisou parar de protestar, enquanto a mulher levava as fotografias para o guarda. Teve certeza de que seriam destruídas.

Olhou fixo para a nuca da mulher, sentindo-se estranhamente traída. Ao retomar o trabalho, viu que uma das fotos havia caído no chão e inclinou-se para apanhá-la. Foi instintivo. Era um retrato de família, um homem com sobrancelhas espessas e uma verruga sobre os lábios. Seus braços envolviam uma menina tímida que mal conseguia encarar o olhar da câmera e um menino à frente, rindo. Tocou na foto, e seus lábios moveram-se no fantasma de um sorriso. Eles poderiam ter acabado de posar para essa foto. Sem saber o motivo, Eva enfiou-a em sua manga.

Não esqueceria que eles eram humanos. Que um dia foram pessoas, levaram vidas cheias de alegria e tristeza. Tiveram empregos, hipotecas e lares onde havia família, comida e amor. Não esqueceria, também, que já tinha sido uma pessoa, com uma vida, um futuro, uma família e um lar, como eles.

*image
not
available*

– Ah, é, tem muita coisa para fazer nesta cidade.

Ele não pareceu notar o olhar de incredulidade que ela lhe desferiu.

Naquela noite, deitadas em seu beliche, com a neve caindo em densas lufadas do lado de fora, tremendo, amontoadas, Sofie perguntou:

– Você sabia que aqui tem um cinema?

– Um cinema? – Eva perguntou, virando-se para ela, surpresa, os olhos arregalados de descrença.

– Para os guardas.

– Imagino que eles precisem de alguma coisa para fazer à noite – escarneceu Vanda, sarcástica.

– Ainda assim, enquanto estamos sofrendo, morrendo, eles veem filmes.

Era um pensamento perturbador.

Enquanto as outras dormiam, Sofie olhou para o estrado da cama acima, pensando nos guardas no cinema, chamando aquele lugar de “cidade”, enquanto para elas era uma prisão. A coisa sensata a fazer, Sofie sabia, era usar Meier e sua paixão por ela para conseguir o que queria. Eva não era a única pessoa que tinha vindo a Auschwitz à procura de alguém. Só que, ao contrário da amiga, o encontro que pretendia não seria feliz.

*image
not
available*

andando.

Então, ele torceu o braço de Sofie, e tentou arrastá-la até o escritório do campo, enquanto ela resistia. Eva viu que o braço da amiga tinha ficado branco e exangue, como seu rosto, que estava pálido e aterrorizado. A cicatriz na sua testa destacava-se num relevo nítido e róseo.

– O que ela fez? – perguntou Eva, espanando-se e voltando a ficar em pé, pronta para implorar, pedir. Em geral, os oficiais em Terezín eram razoáveis e podiam ser convencidos, ou subornados, era o que ela tinha descoberto. – Talvez eu possa ajudar.

O oficial olhou para ela, seus olhos escuros enquanto ele abria à força os dedos de Sofie, que tentava desesperadamente manter o punho fechado.

– Ela foi vista mandando cartas ilegais. A punição, como todos vocês sabem, é a morte.

A correspondência com o lado de fora era estritamente controlada. No começo, ninguém no gueto podia mandar nada. Em janeiro de 1942, alguns prisioneiros foram flagrados, e os oficiais transformaram-nos em exemplo, com uma terrível execução pública que abalou o campo e deixou realmente claro para eles o lugar onde estavam: *uma prisão*.

Os detidos podiam mandar cartões-postais com textos curtos, escritos em alemão, que eram censurados. Houve uma época em que havia um limite estrito do número de palavras, mas isso fora abolido. Mesmo assim, era quase impossível dizer algo importante nos cartões ou também descobrir alguma coisa importante. Manter a ilusão de que Terezín era um campo “modelo”, com ocupantes felizes e sem sofrimento, era vital para os nazistas, uma vez que já tinha sido alvo de várias investigações. Na verdade, dali a alguns meses, haveria até uma inspeção da Cruz Vermelha com tal finalidade.

– Cartas ilegais? – perguntou Eva. – Tenho certeza de que não é verdade. Ela só manda cartões-postais. O senhor deve ter algum tipo de prova; mesmo aqui, precisa haver provas para uma acusação dessas.

*image
not
available*

– Vamos ver – ele disse, baixinho, e Sofie acabou abrindo a mão, suas pernas bambearam. Meier estava perto demais, e ela podia sentir seu cheiro. Era doce, mas levemente acre. Ele pegou o anel da mão dela, seus dedos demorando-se sobre a pele áspera, fazendo cócegas. Depois, levou o anel até seu campo de visão, de modo que o ouro apagado cintilasse na luz reduzida do armazém. Assobiou baixinho.

– Deve valer alguma coisa – ele disse. Depois, para espanto dela, colocou-o de volta em sua mão, fechando-a com a dele. – Você não acha? – perguntou, seu olhar esquadrinhando o dela, significativamente. Ela concordou com a cabeça, e ele tocou em seu rosto, em seu cabelo curto, em seus lábios.

– Dê um sorriso, Bette Davis – ele pediu, e Sofie deu.

Ele piscou para ela, depois se virou para sair.

– Se você for boazinha comigo, eu também serei com você – prometeu.

As pernas de Sofie quase desabaram quando ela o viu sair. Achou difícil acalmar a respiração. Poderia ter sido morta por ser pega roubando. Fechou os olhos. A vida dela estava nas mãos dele. Quanto tempo levaria até ele tentar cobrar o favor?

*image
not
available*

– Não, Sofie, você não deve ir. Pode ser pior do que aqui, provavelmente é. Escutei alguns rumores, não é como este lugar.

Sofie cruzou os braços, e um cacho do seu cabelo caiu sobre o rosto, de modo a Eva poder ver a grossa cicatriz em sua testa, chegando à parte de trás do couro cabeludo.

– Você não acha que eu conheço o pior? – ela murmurou.

Eva suspirou.

– Sei que conhece. Você me contou sobre o campo onde estive antes deste.

Sofie revirou os olhos e escarneceu:

– Aquilo não era nada. Eu te contei sobre as pessoas que conheci, que passaram um tempo nos campos de trabalho. Westerbork era bem parecido com este aqui, mas nem todos são tão maravilhosos, acredite em mim, as coisas que eu escutei...

Uma velha, sentada atrás delas em uma cama, remendava meias. Fez um som de incredulidade no fundo da garganta, perante a ideia de se chamar aquele lugar de “maravilhoso”. A fome era uma constante, além das pulgas, dos percevejos, da superlotação, das doenças e da degradação com o fedor acachapante de dejetos humanos, uma vez que a cidade gemia sob o peso de muito mais gente do que conseguia abrigar, antes de os nazistas a transformarem em campo. Mesmo assim, elas sabiam ou tinham ouvido falar de coisas piores.

Sofie cochichou:

– É verdade. Ouvi coisas.

Eva suspirou.

– Exatamente. Não vou colocar a sua vida em risco por causa da minha, ok?

Sofie sacudiu a cabeça.

– Não é isso, acredite em mim. Vou arriscar a vida para ir atrás da minha prima. Soube que lá é o lugar mais provável de terem mandado Lotte.

Eva abriu e fechou a boca.

*image
not
available*

sido, e substituí-la por um número. Então, começou a tossir, um som seco e fraco, rouco.

– Parece pior – disse Sofie, olhando criticamente para ela, avançando para tocar em sua testa. – Está com febre?

– Não – Eva mentiu, afastando a mão da amiga.

– Eva? – Sofie não parecia convencida, parecia preocupada e de repente bem alerta, apesar do cansaço.

– Estou bem, é só um leve resfriado, não se preocupe – resmungou Eva, desviando-se dos olhos ansiosos da amiga.

– Eva?

– Vou ficar bem, confie em mim.

*image
not
available*

Meier olhou para o chão, uma ruga entre os olhos.

– Sim – respondeu Eva, simplesmente.

Infelizmente, era uma forma regular de tormento que algumas das *Kapos* faziam com outras mulheres: fazê-las ficar em pé, até por mais tempo, no frio, imaginando maneiras de testar sua aptidão física ou tentando dobrar seu espírito por algum deslize imaginário, normalmente com o balde de dejetos acima da cabeça.

Eva esforçou-se para erguer a pedra. Tencionou o maxilar sentindo náusea. Sofie hesitou, avançando para ajudar, e Meier lançou-lhe um olhar de advertência: *Deixe-a. Deixe-a fazer sozinha.*

Hinterschloss confirmou com um gesto de cabeça, como que aprovando.

– Estou bem – disse Eva a Sofie, trincando os dentes e erguendo a pedra acima da cabeça, esforçando-se. Seus braços e pernas tremeram, enquanto ela olhava em frente, além dos olhos mortos de Hinterschloss, para o brasão dourado em seu uniforme, e pensava em Michal.



Anos antes

Ela sempre se lembraria da cor dourada a partir do momento em que percebeu que estava apaixonada. Era a cor do final do verão e do começo da noite, o sol em seus olhos, refletindo-se do rio, na casa de campo de sua família, no meio das montanhas. Uma sombra passou sobre ela, e a fez desviar o olhar da lontra que estava desenhando, e a luz do sol cegou-a, brilhante e dourada. Protegeu os olhos com a mão em concha, e quando sua visão clareou ali estava ele.

Uma covinha na face, ao se ajoelhar, mudando a fonte de luz de dourada para verde, e novamente dourada.

– Michal – ela suspirou, maravilhada.

Ele assentiu, com um sorriso suave, olhando para ela.

– Você está aqui?

Ele confirmou.

– Não consegui ficar em Praga.

*image
not
available*

– Pode ser que você tenha que pagar por isso – disse Eva, tendo um momento de lucidez em seu medo.

– Deixe que eu me preocupe com isso.

O barracão hospitalar parecia uma instalação médica normal, com os médicos vestindo aventais e consultando prontuários. Sofie e Eva sentaram-se na sala de espera. Quando foram chamadas, uma enfermeira eslovaca examinou Eva.

– Eles matam a gente aqui – Eva repetiu, seus olhos vidrados, a cabeça jogando de um lado a outro, enquanto médicos usando máscaras e aventais manchados de sangue avançavam até ela, produto de sua mente delirante, tomada pelo pânico.

– Não – disse Sofie, negando. – Você está segura, *Kritzelei*. É tifo? – perguntou à enfermeira, que confirmou:

– Acho que sim. E parece ser grave também.

Enquanto Sofie preocupava-se com seu destino, Eva olhou para ela e seu delírio tornou a mudar; estava de volta no beliche, tentando fazê-la se sentir melhor, contando à amiga as histórias que ela gostava de ouvir. Em sua mente, começou a contar sobre seu primeiro encontro com Michal. Mas, evidentemente, nenhuma palavra escapou dos seus lábios gretados, enquanto ela deslizava para dentro da sua memória, como se fosse um casaco acolhedor em seus ombros frios.

*image
not
available*

EVA TEVE UM DOS PIORES casos de tifo epidêmico já vistos pelas enfermeiras. Seu corpo foi coberto por erupções, e ela ficou refém de uma febre perigosa. O sinal mais preocupante era o delírio, indicando a gravidade da sua doença. O tifo havia ceifado muitas vidas nos campos, mas, quando tratado, a recuperação podia ser bem rápida.

Sofie assistiu enquanto a enfermeira forçou sua amiga a engolir os antibióticos. Não queria nada além de esperar a seu lado e ver como Eva evoluía, mas sabia que se não voltasse haveria perguntas.

Ao voltar para o Kanada, Meier esperava por ela. Deu para perceber que estava satisfeito por ter encontrado uma maneira de se aproximar dela – ajudando sua amiga.

– Como ela está? – perguntou, colocando a mão em seu ombro. Sofie teve que lutar contra a vontade de se livrar daquela mão. O hálito dele tinha um cheiro doce, ligeiramente enjoativo, como baunilha queimada. Em vez de se afastar, ela engoliu em seco, depois pôs sua mão sobre a dele, tocando-a brevemente.

– A enfermeira disse que é um caso grave. Só espero que ela consiga superar isso. – Ela olhou para ele. – Se ao menos eu pudesse estar lá... Ficar ao lado dela.

Eles estavam parados nas sombras, perto de uma grande pilha de roupas de cama, e ela olhou para ter certeza de que ninguém estava olhando. Então, se virou e beijou-o rapidamente nos lábios.

Ele arregalou os olhos de prazer e tomou o rosto dela nas mãos, beijando-a de volta com mais força. Sofie permitiu. Bloqueou a mente para o cheiro de baunilha queimada que invadiu seus sentidos, fazendo-a ficar levemente nauseada.

*image
not
available*

– Pensei que nunca mais fosse vê-la – ele disse, sacudindo a cabeça sem acreditar.

Eva ficou intrigada, até perceber que ele falava da fotografia.

– Obrigado – ele disse, tocando em seu braço.

Eva sentiu algo caloroso e leve penetrar no seu peito, como se o peso daquele lugar tivesse sido suspenso por um momento. A sensação era maravilhosa.

Sorriu, meneando a cabeça.

– Não acredito que te encontrei... Entre todas as pessoas daqui!

Ele concordou.

– É um milagre. E devo reconhecer que tinha desistido da foto. Aqui tem centenas de milhares de pessoas. Se você tivesse tentado me encontrar, levaria muitos meses.

Ela assentiu. Era puro acaso, pura sorte.

– Posso... Tem alguma coisa que eu possa fazer em troca? – ele perguntou.

Era assim que as coisas funcionavam no campo. Não era algo ruim; os favores eram a única coisa que se poderia oferecer, a única moeda corrente que poderia acabar melhorando ligeiramente o estado das coisas.

Ela confirmou. Não era hora de fingir que estava acima daquilo; ninguém estava. Logo apareceria uma enfermeira, e então ele teria que ir embora; era um dos poucos prisioneiros homens que ela via em meses e o único com quem havia falado.

– Meu marido, Michal Adami. Preciso saber se ele está vivo.

A luz nos olhos dele diminuiu ligeiramente.

– Como eu disse, há muita gente, não sei se vou conseguir descobrir.

Ele não explicou que toda mulher que encontrava lhe pedia a mesma coisa, e o mais comum, sem até mesmo precisar perguntar, era que a resposta seria que estavam mortos. E, se estivessem vivos, seria como tentar achar uma agulha em um palheiro.

*image
not
available*

– Tudo bem. Não se preocupe. Mesmo assim, vamos investigar por aqui.

Ela olhou para ele.

– Eu poderia desenhar um retrato dele, se conseguisse papel, lápis.

– Aqui? – Ele arregalou os olhos, depois confirmou com a cabeça.

– Não sei se consigo isso, mas vou tentar.

– Obrigada.

No decorrer das semanas seguintes, apesar da sua crença de que não voltaria a acontecer, ela conseguiu rastrear mais um dos homens das fotografias, pela maneira como ele descreveu a echarpe de bolinhas da esposa e os olhos sorridentes.

Foi de cortar o coração ver o homem atrás da cerca começar a chorar.

– Ela morreu no trem comigo. Mas tivemos sorte; antes de sermos levados, recebemos a notícia de que nosso filho tinha chegado a salvo em Londres, junto com a minha irmã, você acredita? Que ele esteja lá, aprendendo inglês? – ele sorriu ao pensar nisso. – Talvez até já recitando Shakespeare, hein?

Eva sorriu. Era um pensamento agradável.

– Vou guardar esta foto para ele – o homem disse.

Ela acenou com a cabeça, e se virou para ir embora com lágrimas nos olhos.

Estava feliz de devolver o punhado de fotos que tinha guardado, mas mais do que tudo, queria poder devolver ao passado as pessoas que elas continham, antes de tudo ser arrancado de suas vidas.

– Você, moça da foto, Eva.

Eva estava indo para o Kanada. Virou-se e viu Herman. Olhou rapidamente por sobre o ombro, para conferir se algum dos guardas estava olhando, e esgueirou-se para mais perto da cerca.

– Oi, Herman! Tem notícias? Encontrou Michal? – perguntou rapidamente, sem fôlego.

Ele sacudiu a cabeça.

*image
not
available*

duas sobremesas, em geral strudel caseiro de maçã ou cheesecake, especialidade do seu avô.

Ao fazer 17 anos, ela começou seu treinamento como enfermeira veterinária e conheceu outro estudante, chamado Lucas. Era uma pessoa gentil que, assim como ela, preferia animais a humanos. Não foi um grande amor, mais um romance de verão, mas, infelizmente, quando terminou, ela se viu bastante comprometida, porque o resultado foi que estava grávida, dando-se conta disso depois que o romance de curta duração tinha fracassado.

Lucas ofereceu-se para agir de maneira honrosa, ainda que, àquela altura, alguns meses depois, seu coração pertencesse a outra moça, mas Sofie recusou. Apesar do escândalo, da decepção e da vergonha que ela traria para sua família, não poderia se entregar a uma vida com um homem que não amava.

– Você está sendo idealista demais – seu pai a tinha repreendido depois de ela lhe contar a novidade, sacudindo a cabeça, decepcionado. Depois, pôs a cabeça nas mãos, desejando mais uma vez que sua esposa tivesse vivido tempo suficiente para ajudá-lo a criar a filha. – Eu te deixo muito livre; sua mãe teria sabido o que fazer; ela te falaria sobre essas coisas. – Esse era um lamento frequente. Ele olhou para ela e suspirou. – Ela teria te preparado melhor, explicado corretamente a respeito dos homens.

Sofie riu contra a vontade, seus olhos escuros brilhando.

– Ah, papai, isso a vovó me explicou até demais, e Lucas não era desse tipo, devíamos ter sido mais espertos, sei bem disso. Especialmente agora. Mas só não vejo como o fato de me casar com ele melhoraria esta situação.

Seu pai olhou para ela, espantado, os olhos enormes, como se a resposta fosse óbvia.

– Ele poderia proporcionar uma vida para você... E para a criança.

Sofie franziu o cenho, cruzando os braços, e Babooshi pulou em seu colo. Sofie acariciou seu pelo duro.

– Você está me pondo para fora de casa?

*image
not
available*

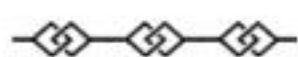
Sofie estava com 18 anos quando voltou para Viena com seu bebê, Tomas, e ele tinha seis meses. Perdera seu lugar no programa veterinário. Seja como for, não havia tempo para estudos com uma criança pequena, apesar da ajuda que veio com muita disposição do seu pai e dos seus avós. Apesar dos receios que eles tinham quanto à paternidade da criança, receberam-na em sua vida incondicionalmente. Era um bebê animado, feliz, com grandes olhos castanhos e um denso chumaço de cabelo loiro escuro, que o pai de Sofie disse que devia ter vindo da mãe dela.

Conforme crescia, o pai dela ficou convencido de que ele também tinha a natureza da avó. Era uma alma gentil e sensível, com atração por flores e música. Sentava-se no andar térreo tranquilo, brincando alegremente com seus brinquedos, fazendo os clientes sorrirem ao rir sempre que Sofie lhe fazia cócegas.

Com o passar dos meses, ela se ajustou a sua nova vida como mãe. Embora sentisse falta dos estudos, e desejasse ter conseguido se capacitar como enfermeira veterinária, ser mãe era uma aventura por si só, e havia toda chance de que ela pudesse voltar a estudar quando Tomas fosse mais velho, talvez até ir mais longe e se tornar veterinária por mérito próprio.

Por enquanto, ajudava na loja do pai, onde fora um tipo de aprendiz desde os 6 anos; onde sua cabeça para números e os dedos ágeis sentiam-se tão à vontade consertando relógios quanto trocando fraldas. “Por enquanto, tudo bem”, ela pensava, satisfeita. Era jovem e ainda tinha toda a vida pela frente, ainda havia tempo.

Até que, de repente, tudo aquilo mudou quase que da noite para o dia, com uma palavra: *Anschluss*.



Sofie olhou para Eva e suspirou, trazida repentinamente de volta à realidade distante a partir do momento em que a Áustria foi anexada pelos alemães, deitada ao lado da amiga no beliche frio, preocupada com seu novo posto de trabalho e o que fariam se descobrissem que ela, na verdade, não tinha chegado nem perto de ser uma enfermeira.

*image
not
available*

um antigo cavalo de balanço, roupas do século anterior, jogos de tabuleiro, livros, mas a coisa que mais me impressionou foi um velho violino vermelho que me deixou encantado. Tirei-o do estojo – com bastante cuidado, imagino, apesar da minha idade – e corri os dedos de leve pelas cordas. Minha mãe estava me procurando e me encontrou com ele. Meu tio ficou comovido com aquilo, achando que tinha algum significado – ele riu. Seus olhos verdes enrugaram-se nos cantos. – Ele disse que sempre tinha querido que meu primo, Jakub, se interessasse pelo violino, mas ele nunca se interessou. Então, meu tio providenciou para que eu tivesse aulas. Foi uma condescendência, todos eles disseram, mas eu amei aquilo, e depois disso toquei todos os dias. Quando fui para casa, meu tio me deu aquele velho violino vermelho, que usei até ter uns 16 anos e comprar um novo, mais de acordo com o meu tamanho – ele brincou, indicando seus braços e torso longos. – Comprei-o com o dinheiro que ganhei tocando em um pequeno restaurante à noite. Disse a eles que tinha 20 anos, para poder beber também. Levou quase um ano até eu decidir que teria um exatamente igual ao de Jascha Heifetz. Ele é considerado um dos melhores violinistas do mundo. Conheci-o no ano passado, quando veio se apresentar aqui. Mas ainda tenho aquele velho violino.

Eles subiram uma rua, afastando-se do rio, e ela sorriu, imaginando o garotinho que ele devia ter sido, e ele sorriu de volta, com os olhos dançando sob a iluminação pública.

– Sua vez. Quando você começou a desenhar? Eu te vi na praça.

Ela ficou boquiaberta de surpresa.

– Viu?

Ele assentiu, com uma covinha surgindo em seu rosto bronzeado.

Ela desviou o olhar para as ruas agitadas, onde homens e mulheres vestidos com elegância saíam de teatros, cinemas e bares, o ar enchendo-se de risadas, e seu coração começou a bater mais rápido.

Ele riu.

– Não foi só você que fez um pouco de espionagem.

*image
not
available*

olheiras debaixo dos olhos, e suas maçãs do rosto destacavam-se gritantemente em seu rosto pálido.

Estava trabalhando ao ar livre, na neve, enfileirado com vários outros homens, todos assentando tijolos. Não a tinha visto, e ela começou a andar rápido, tentando chegar até ele. Seus sapatos escorregavam na lama, que, de repente, transformou-se em pesados montes de neve. Eva esforçou-se para passar, gritando o nome dele até ficar rouca, mas nenhum som saiu da sua boca, e ele não levantou os olhos. Quanto mais ela tentava, mais longe ele parecia ficar.

Acordou com um sobressalto, o grito morrendo em seus lábios, o coração martelando dentro do peito. Sentou-se tossindo e arquejando, sentindo-se fraca e cansada.

Durante a *Appell* matutina, Hinterschloss estava sendo especialmente torpe. Eva conseguia sentir cheiro de álcool a um metro de distância, antes que ele parasse à sua frente, com um sorriso de desprezo no rosto, os olhos amarelos parecendo faiscar.

– Kanada, hein? Está pronta para isso hoje?

Ela assentiu em silêncio.

– Você não pode usar a boca? Responda!

Empurrou-a com a ponta do rifle e os joelhos dela curvaram-se. Mais tarde, ali surgiriam vergões grossos.

– Sim, senhor – ela disse rápido, logo se endireitando.

– Você não estava no hospital?

Eva empalideceu. Meier devia ter contado a ele. Ela estava certa, então, em confiar em seus instintos e não revelar muitos detalhes para ele, por meio de Sofie. Embora imaginasse que Hinterschloss devia ter especulado sobre onde havia andado. Tudo isso e mais um pouco passaram por sua mente intensificada pelo medo.

– Sim, estive, brevemente.

– Você ainda está doente? – ele perguntou, seus olhos penetrantes vidrados enquanto avançava, tocando a testa dela.

Eva teve que morder a bochecha para se impedir de empurrar a mão dele para longe. Ele simulou enxugar a mão na calça, com uma

*image
not
available*

hospital; às vezes, recebemos comida extra.

– Você está mentindo – Eva disse, estreitando os olhos. Olhou fixo para a amiga e ficou imaginando: teria se deitado com Meier, de modo a poder conseguir aquilo? Não queria ser o motivo de sua amiga se colocar em perigo.

– Não estou – Sofie disse, partindo um pedaço do pão nas mãos de Eva e colocando-o na boca da amiga. – Coma – ordenou com olhos severos, e Eva começou a mastigar, lutando contra a vontade de pôr tudo aquilo na boca, uma vez que estava sendo consumida por pontadas de fome.

– Consegui isso com uma amiga, uma enfermeira do trabalho – Sofie mentiu, dando depois a Eva um pedaço de queijo. Em seguida tirou do seu lenço de cabeça um pedaço de salsicha e dividiu-o com todas as colegas de beliche, que se viram surpreendentemente deliciadas.

Houve um suspiro baixo.

– É de verdade? Ou meus olhos estão apenas me pregando uma peça? – cochichou Helga, sentando-se.

– É de verdade – disse Sofie, com um sorriso calmo.

Vanda zombou, estreitando os olhos.

– Ela está mentindo. Conseguiu isso com aquele guarda de olhos de cachorrinho, Meier. Eles não conseguiram ficar longe um do outro, mesmo ela não estando mais no Kanada. Eu vi os dois quando passei pelos fundos do hospital, outro dia. Ele não conseguia tirar as mãos dela; não parecia se incomodar que alguém visse.

Sofie ficou furiosa, mas não disse nada que negasse aquilo. Era verdade. Por um tempo, conseguiu ver-se livre dele e andara muito ocupada no hospital. O resultado foi que as coisas tinham melhorado para ela. Hinterschloss também parecia ter encontrado outra pessoa para atormentar por um tempo, mas com sua amiga ainda tão doente, quando Meier inventou um pretexto para passar por lá uns dias antes, ela tinha lhe dito que sentira sua falta.

*image
not
available*

—❖— QUINZE —❖—

– VOCÊ ESTÁ CANTAROLANDO – disse Vanda, que tinha sido designada para a mesma tarefa que ela.

Eva balançou um martelo para quebrar uma grande pedra, ignorando o sofrimento surdo da dor causada pela ação repetitiva bem como o ronco de fome, seu companheiro constante. Levantou o rosto, enxugando uma gota de suor dos olhos. Fazia frio, e o vento era cortante, mas suas faces estavam avermelhadas por estar o dia todo ao ar livre.

– Estava? – perguntou, surpresa. Como sempre, seus pensamentos estavam no passado.

Vanda confirmou com a cabeça, e assobiou a melodia de volta, em resposta.

– Conheço isso, acho. Debussy? Ou Mozart, talvez?

Eva deu uma parada, a expressão suave ao sacudir a cabeça, surpresa. Nem tinha percebido o que estava cantarolando ao marcar o ritmo com o martelo.

– Não, nenhum deles.

– Mas tenho certeza de que conheço. O que é?

Surgiu uma luz nos olhos de Eva, que antes não estava ali.

– Acho que não. Nunca foi lançada.

À distância, um dos guardas gritou, mandando que voltassem ao trabalho.

Enquanto Eva balançava novamente o martelo, ignorando a maneira como ele reverberava contra seus dedos nus, vermelhos e inchados, deslizou de volta para suas lembranças.